
“PORQUE SÓ HÁ UMA RAÇA, A RAÇA HUMANA, E ACABOU”¹

Mariana Aparecida de Carvalho
Orientadora: Laura Cavalcante Padilha
Doutoranda

RESUMO

O quase fim do mundo (2008) pode ser lido como um romance distópico, em que há uma projeção pessimista sobre o destino da humanidade em um futuro próximo, marcado pela quase extinção da raça humana. Através da ficção, o autor angolano Pepetela nos apresenta uma discussão acerca da sociedade africana atual, mostrando como determinadas escolhas podem influenciar na vida de todos e como, apesar das mudanças e das conquistas alcançadas, determinadas estruturas se repetem, mudando-se apenas os sujeitos sociais que as operam. Inocência Mata, em “A crítica literária africana e a teoria pós-colonial: um modismo ou uma exigência?” (2008), ressalta que apenas por vias literárias determinados anseios e pensamentos poderiam ser evidenciados, se tomarmos como exemplo os países africanos de colonização portuguesa. De acordo com a estudiosa, “o autor psicografa os anseios e demônios de sua época, dando voz àqueles que se colocam, ou são colocados, à margem da ‘voz oficial’: daí poder pensar-se que o indizível de uma época só encontra lugar na literatura” (MATA, 2008, p. 20). Desse modo, torna-se pertinente analisarmos o romance *O quase fim do mundo*, em que encontramos muitos destes anseios e demônios, tomando como ponto de partida para a análise proposta o modo como os personagens são representados e como assumem voz dentro da obra, tendo como base fatores levantados na narrativa que girem em torno da questão racial, temática de grande relevância nas literaturas africanas de língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura angolana, distopia, raça, crítica.

¹ Pepetela em entrevista concedida à Revista Buala, 2008.

Entendendo raça segundo Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), como uma construção discursiva em torno das características físicas como marcas simbólicas, para se “diferenciar” socialmente um grupo de outro, acarretando, muitas vezes, em certa dominação, em *O quase fim do mundo*, Pepetela discute a questão racial em diferentes níveis, em que a questão do binarismo branco/negro não chega a ser tão latente quanto é a das diferenças e disputas étnicas. Logo no início do romance, vemos que a região de Calpe, cidade imaginária, presente, também, em outras obras de Pepetela, ainda que bela, fora assolada pela rivalidade entre diferentes grupos étnicos, o que seria uma astuciosa invenção dos colonizadores. Mas era, também, a cidade da vida, já que foi o único sítio em que restara sobreviventes e onde haveria a possibilidade de continuidade da humanidade.

O romance é iniciado com a fala de Simba Ukolo, porém a obra é composta por uma espécie de polifonia, em que muitos personagens assumem a narração dos fatos e a fazem de modo a apresentarem suas visões sobre o mundo, sobre os outros personagens, bem como as impressões que têm deles, sejam positivas ou não. Neste processo, muitas vezes, tem-se os leitores como interlocutores, pois os personagens dialogam conosco como se estivéssemos em presença uns dos outros e nossas respostas pudessem ser ouvidas.

Mikhail Bakhtin, em “A estilística contemporânea e o romance” (1993), autor afirma que muitas vozes sociais dialogam e se entrecruzam na formação do discurso. Bakhtin, ao abordar a questão da polifonia no romance, afirma que o gênero

é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e vozes individuais. A estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, maneirismos de grupos, jargões profissionais, linguagens de gêneros, fala das gerações, das idades, das tendências, das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, das linguagens de certos dias e mesmo de certas horas, enfim, toda estratificação interna de cada língua em cada momento dado de sua existência histórica constitui premissa indispensável do gênero romanesco (BAKHTIN, 1993, p. 74).

O texto é, então, um espaço em que diversas vozes se encontram, sendo algumas dessas vozes atribuídas àqueles que outrora foram silenciados. Tal atribuição é, segundo Francisco Noa, em “As falas das vozes desocultas: a literatura como restituição” (2009),

uma instigante polifonia através da qual é possível perceber a diversidade das linguagens individuais, sociais, culturais que nos rodeiam e que povoam o espaço literário. [...] Ficções que, acompanhando quer o descentramento quer a fragmentação do sujeito e do mundo, projectarão, com singular intensidade dramática, as vozes de nosso tempo (NOA, 2009, p. 86).

A voz de Simba é soberana num primeiro momento, pois o personagem acredita ser o único sobrevivente da catástrofe, mas à medida que começa a empreender uma busca por respostas, encontra outros que, assim como ele, sobreviveram e também procuram por esclarecimentos. Interessante observar que já no início da narrativa notamos alguns indícios de conflitos, mas nada tão declarado. Com o aumento da população remanescente é que os conflitos aumentam.

O médico Simba Ukolo encontra Geny - adepta da religião dos paladinos da coroa sagrada, a religiosa pretende manter a moral e os bons costumes entre os sobreviventes. Tal religião, cujos nomes dos fundadores não poderiam nunca ser pronunciados para quem não fosse iniciado na fé e que exigia dos adeptos total fidelidade, possui importante papel na narrativa, tendo fortes ligações com o quase apocalipse.

Jude é a ninfeta da obra – uma adolescente de 16 anos que se interessa por Simba e tenta, de todos os modos, conquistá-lo, apesar da pouca idade e de o seu alvo de interesse ter a idade para ser seu pai. Jude e Simba encontram o pescador - único personagem que não possui um nome. Muito calado, ele se identifica com Geny e passa a conviver mais com a senhora que com os demais. O ladrão Joseph Kiboro é resgatado da prisão e mostra-se muito inteligente, apesar de não ter podido dar continuidade aos estudos quando criança, algo que gostaria muito de ter feito. Kiboro é o criminoso comunista, que via na sociedade comum um meio de vida.

Simba, como o médico do grupo e preocupado com o ocorrido, parte à procura de indícios sobre o extermínio e somente após determinado tempo é que se lembra de voltar à sua aldeia para tentar encontrar familiares vivos. Na visita ao kimbo, encontram Nkunda, seu sobrinho, e não se perdoa por ter demorado tanto tempo para realizar a procura. Jude, ao assumir a narração, afirma sobre o médico:

a sua preocupação científica ultrapassou o cuidado com a família. Tinha que estar mesmo contrito, era de fato uma falha imperdoável, sobretudo atendendo à nossa cultura, que colocava a família à frente de tudo. Eu era muito nova, mas já percebia as coisas e por vezes tinha ouvido dessas discussões sobre os estrangeirados, isto é, pessoas que tinham estudado muito tempo no exterior e adquirido hábitos e maneiras de ser das elites dos países onde viveram. O meu Simba era mais parecido nalgumas coisas com um europeu que conosco (PEPETELA, 2008, p. 105).

A norte-americana Janet Kinsley estava em África para estudar os hábitos sexuais dos gorilas, tema de seu doutoramento, e encontra os demais sobreviventes do grupo de Ukolo juntamente com o bôer Jan Dippenar, um sul-africano que segundo a

moça teria muito a esconder. A chegada dos dois brancos², Janet e Jan, antecede em um dia a da historiadora Ísis, a mestiça somali que encanta a todos com sua beleza, sobretudo a Simba. Riek, o etíope especialista em tratar a infertilidade dos casais, é o próximo sobrevivente a nos ser apresentado e por fim temos a chegada do electricista Julius Kwenda, descendente dos *masai*.

Um médico para cuidar do corpo físico; uma religiosa e um feiticeiro para cuidarem do espírito; uma adolescente e uma criança como símbolos do futuro; um pescador; um electricista com descendência *masai*; duas pesquisadoras – uma norte-americana, aludindo ao neoliberalismo dos Estados Unidos da América, e uma historiadora somali com nome de deusa egípcia; um ladrão comunista; um bôer mercenário e o quadro de atores responsáveis pela manutenção da nova humanidade está quase composto por Pepetela. Mas em toda sociedade que se preze, é preciso haver o louco, cuja loucura não impede que o que diz, muitas vezes, faça todo sentido dentro de determinadas situações, uma vez que “os malucos têm permissão para tudo” (PEPETELA, 2008, p. 346). Kiari, ou qualquer um dos nomes que afirma ter, é o louco que grita, pelas ruas desertas, profecias sobre os leprosos e sobre o apocalipse. Doze pessoas com origens diversas e com pensamentos distintos são os sobreviventes de *O quase fim do mundo* e todos se encontram na maior cidade da região, chamada Calpe.

Porém os doze acima citados não são os únicos a resistirem ao quase apocalipse, pois pessoas também sobreviveram nas florestas situadas nos arredores da cidade. Estes também possuem importante papel na nova sociedade que se originará, todavia os papéis que exercerão serão ditados por aqueles que se reuniram na cidade escolhida por Pepetela como berço da nova humanidade no futuro distópico da narrativa.

No início da narrativa, quando os sobreviventes se encontram, há a união de todos para que pudessem não só encontrar respostas, mas também sobreviver às adversidades. Ainda que Geny se una a Simba, num primeiro momento, a fim de se ajudarem mutuamente, vemos que a religiosa se incomodava com as posturas adotadas pelo médico. Quando ele escolhe determinado carro e afirma a ela que não tinha a alma

² Um aspecto que nos chama a atenção em *O quase fim do mundo* diz respeito ao modo como determinados personagens e até mesmo o narrador onisciente se referem à Janet e a Jan. Muitas vezes, eles são chamados de “aquela branca” e “aquele branco”, o que nos leva a pensar na inversão operada por Pepetela. O pronome demonstrativo “aquele” possui uma carga “negativa” quando empregado para designar determinada pessoa, com um tom pejorativo. No discurso colonial não seria difícil encontrarmos expressões como “aquele negro ou aquela negra”, mas na obra de Pepetela são os brancos que são designados de tal modo.

perdida, Geny diz: “a salvação da sua alma não me interessa para nada, já se perdeu há muito. Mas tem aí atrás uma inocente [Jude] que deve ser educada de outra maneira” (PEPETELA, 2008, p. 36). Interessante observar que Geny conheceu o médico há pouco tempo, o que a impediria de realizar tal afirmação. Além do mais, como uma religiosa preocupada com a salvação dos demais, ela poderia ter buscado a conversão de Simba, assim como procedeu com Jude, mas não o fez com o médico.

Tais indícios são reforçados ao longo do romance e resultam em uma discussão em que os reais motivos das antipatias entre o médico e a religiosa são esclarecidos. Quando Simba apoia a decisão de Jude de tentar pilotar um avião, Geny exclama ferozmente contra o médico: “Queres que a moça morra ou fique paralítica? Claro, dá para entender, ela não é do teu grupo. Que te importa se cair lá de cima com a sua estúpida teimosia? Só te preocupas com os do teu grupo” (PEPETELA, 2008, p. 218). Alguns dos sobreviventes não entenderam o que a religiosa quis dizer com a afirmação, então Ísis esclarece tudo. Em Calpe, a sociedade era dividida em dois grupos étnicos, grupos estes que não recebem um nome na narrativa. De acordo com a historiadora, que não conseguiria distinguir os membros de cada um dos grupos por ser de outra região, havia sinais de que Geny, o pescador e Jude eram de um grupo e de que Simba, seu sobrinho e Joseph Kiboro eram do outro.

Aproveitando-se de diferenças sutis entre os membros da população, como altura, corpulência, atividade desempenhada e aspectos intelectuais, ainda que falassem a mesma língua e que se vestissem da mesma maneira, os colonizadores europeus, “que se baseavam nos que conservavam mais poder ou influência, tiveram a *brilhante* ideia de aconselhar uns a usarem ligeiras escarificações na testa e outros nas faces, assim se reconheceriam” (PEPETELA, 2008, p. 222. Grifo nosso).

Os mais fortes dominariam os mais fracos, mas acima dos dois estariam os colonizadores, controlando tudo e a todos. Apenas Geny ainda mantinha uma pequena escarificação na face esquerda, os demais, apesar de não a terem, podiam reconhecer seus pares, com exceção de Jude, muito jovem. Importante retomar a afirmação do narrador, quando afirma que a separação em grupos étnicos fora uma criação astuta do colonizador, uma vez que, mesmo após sua partida, as divisões foram ainda mais acentuadas e houve, em maior número, guerras e massacres – as chamadas guerras civis que devastaram o território africano.

A divisão em dois grupos étnicos torna-se óbvia se observarmos a distribuição dos sobreviventes entre as casas que ocupavam – em uma das casas morava Geny, o pescador e Jude, na outra Simba, Nkunda e Joseph Kiboro, na terceira casa habitavam Ísis e Riek, um território aparentemente neutro, e foi nesta casa que Jude optou por morar a partir do dia em que veio à tona a questão das etnias de Calpe. Como Jude era ainda jovem não se considerava parte de nenhum grupo, assim como seus amigos da mesma idade. Porém, ainda que não reforçassem a separação das etnias, a própria estrutura social a fazia, assim como sabiamente afirma Ísis:

Chegavam a um emprego e eram recusados e vinham a saber mais tarde que a razão tinha sido a de não pertencerem ao grupo certo para aquele emprego. Até chegarem a pedir a um membro do vosso grupo para vos arranjar um trabalho e ele conseguir. Assim se reproduzem os grupos e as suas fronteiras. A mesma coisa na vizinhança, as relações mais íntimas se estabelecem apenas entre vizinhos do mesmo grupo. (PEPETELA, 2008, p. 224).

A escolha de Jude pela casa habitada por Riek e Ísis, por ser um território neutro, chama-nos a atenção, pois, na realidade, os dois habitantes não apenas pertenciam a grupos diferentes, como também rivais. Riek era etíope e Ísis somali e a História nos mostra que houve determinados conflitos entre a Etiópia e a Somália. Mas Riek e Ísis não se deixaram influenciar pelos conflitos do passado, pelo contrário, contribuíram de modo importante para que tais fatores fossem abandonados de uma vez por todas, culminado em um futuro pacífico, como o desfecho da narrativa nos aponta. Segundo Pepetela, um simples abraço entre Ísis e Riek fora visto como “um gesto simbólico que respondia a angústias de séculos, talvez milénios” (PEPETELA, 2008, p. 224).

A lógica que alimentava a separação entre grupos étnicos era a mesma que nutria a dominação colonial, ou seja, a existência do “eu” e do “outro”. De acordo com o médico Simba, ele acreditava ter conseguido relevar tal dicotomia, tratando a todos os pacientes de modo igual, não levando em consideração a etnia. O mesmo dizia Kiboro, embora o ladrão comunista tenha afirmado que buscava ser mais cuidadoso nas casas dos pertencentes ao seu grupo, evitando deixar bagunças, sujeiras e levando apenas o necessário para sua vida, mas o fato de saber ou não a origem dos donos das casas não impedia que o roubo fosse realizado. Janet via na separação étnica determinadas rivalidades e afirma que o “outro” seria, então, o inimigo, porém é corrigida por Joseph: “Não, já não inimigos, isso era para os meus pais. Apenas os outros. Não tinham tanto valor como os nossos, estes eram como parentes, os outros não. Mas inimigos também não” (PEPETELA, 2008, p. 225).

Desse modo, há uma oscilação entre o “eu” e o “outro”, em que estes serão determinados de acordo com quem assume a fala. Esperava-se que no contexto de *O quase fim do mundo*, a partir desta inversão, o outro fosse o branco, porém ainda é o negro, mas a partir do contato com o próprio negro, natural do mesmo espaço, mas que vive em separado devido a questões irrisórias. Importante destacar que Francisco Noa, em “As figuras, os papéis e as vozes” (2002), já observava e alertava sobre as complexidades existentes com relação ao discurso colonial e aos binarismos branco/negro, dominador/dominado, bom/mau, agente/vítima etc. De acordo com o estudioso,

estas dicotomias, que não deixam de ser reais, se circunscritas a um maniqueísmo irreduzível correm o risco de diluir a complexidade ambivalência que caracteriza a própria situação colonial onde, em muitos casos, as diferenças são mais ou tão acentuadas entre os que aparentemente se perfilam na mesma extremidade do que os que se encontram em polos diferentes. (NOA, 2002, p. 309-310)

Na literatura pós-colonial, tomando-se como objeto a obra de Pepetela, verificamos que as diferenças, ainda que pequenas ou mesmo inventadas astutamente pelo colonizador, são acentuadas entre os pares, o que culminará na dominação dentro de um mesmo grupo.

Além das três casas que metonimicamente representam as etnias de Simba, de Geny e o território neutro, tem-se uma quarta moradia, habitada por Janet e Julius, uma população pouco provável, se se tratasse do período colonial. O próprio Julius o sabe, tem consciência e desconfia sempre de sua união com a americana branca: “Já que os americanos encerraram o assunto [sobre as disputas étnicas], talvez pudéssemos mudar para as contradições entre um homem vagamente *masai* e uma mulher branca vagamente imperialista” (PEPETELA, 2008, p. 226), ao que Ísis afirma que, o que ensina a História é que a contradição seriam os mulatos.

Determinado trecho em que se alude aos mulatos, ainda que de modo breve, é muito representativo no universo diegético, pois possui fortes ligações com os reais motivos do quase fim do mundo, já que, com a união de um negro com uma branca, caso o DNA dela fosse “puro”, os descendentes desta união já não possuiriam tal pureza e estariam, segundo os seguidos da Frente Nacionalista Europeia (FNE), entidade responsável pelo quase hecatombe, corrompendo a pureza das raças. O quase apocalipse fora pensado pela FNE e outras entidades compostas apenas por “brancos puros”, com base em “fatores genéticos”, cujos interesses giravam em torno da purificação da

Europa “dos lixos árabes, judeus, ciganos e africanos que cada vez mais contamina[va]m as populações brancas” (PEPETELA, 2008, p. 340).

Ao focarmos na união entre Julius e Janet, o primeiro casal a se formar, oficialmente, em Calpe, verificamos que, se na literatura colonial, como aponta Francisco Noa, a mulher negra era representada como corpo/objeto de desejo, relacionando-se com o homem branco como amante, prostituta ou empregada, mas quase nunca desempenhando o papel de esposa, em Pepetela, autor da distopia pós-colonial, existe uma união baseada em uma inversão – a união entre um negro e uma branca.

Em determinado trecho, Janet não apenas compara o olhar de Julius ao olhar dos gorilas, animais pesquisados por ela, como compara o próprio *masai* ao animal, porém somente em pensamento, pois embora desejasse chamá-lo de meu gorila querido, algo que para ela seria a maior expressão de amor, não o faz, temerosa da reação de Julius, que poderia tomar tal declaração amorosa como algo carregado de preconceito, principalmente por partir de uma americana branca.

A este respeito, Franz Fanon afirma:

A realidade é que um país colonial é um país racista. [...] Não é possível subjugar homens sem logicamente os inferiorizar de um lado a outro. E o racismo mais não é do que a explicação emocional, afectiva, algumas vezes intelectual, desta inferiorização. [...] Não se pode exigir impunemente que um homem seja contra os ‘preconceitos do seu grupo’. Ora, é preciso voltar a dizê-lo, todo grupo colonialista é racista. (FANON, 2011, p. 281).

Se na formação da sociedade o racismo está inculcado, ainda que haja a independência política, o preconceito persistirá, mesmo que assumindo outras facetas. O trecho destacado de Fanon refere-se ao colonialismo, ao abordar a relação entre racismo e cultura, mas na obra de Pepetela, os personagens que vivem em um futuro distópico também sabem e afirmam que tal relação existe, principalmente a americana Janet: “Estarei a ser racista, a dar mais importância aos bichos que aos homens? Tenho medo de parecer racista, é inerente a um americano liberal” (PEPETELA, 2008, p. 181).

Vale ressaltar, também, que o preconceito está presente em outros personagens, como é o caso de Simba Ukolo, que interpretou uma expressão dita por Janet como carregada de uma carga negativa, sendo que, na verdade, a americana não havia dito por mal, mas os sentimentos de Simba o levaram a tecer tal juízo de valor equivocado. Com a chegada de Ísis, a somali foi convidada por Janet para se juntar a ela e a Jan na casa em que estavam, a que chamou de casa grande:

Porquê Janet a chamou casa grande? De facto seria maior que a minha, mas o termo para nós tinha outro sentido. Significava o centro da senzala. [...] Era centro e casa grande por causa dos [brancos] que a habitavam agora? [...] Para agravar sua intromissão, considerava ela que o centro só podia ser onde estava um americano, o Sol do mundo? [...] Como se pode constatar, Ísis levou-me a ser injusto e até preconceituoso, a dar importância e segundos sentidos a uma coisa dita sem mal nenhum. (PEPETELA, 2008, p. 132,133).

Sobre a formação de um casal improvável, sobretudo com relação à figura de Julius, podemos levantar algumas questões referentes ao corpo do homem negro, já que em *O quase fim do mundo* há importantes inversões. No romance, as mulheres têm em mãos o poder de decisão. Não são mais como objetos, embora fossem vistas com desejo pelos homens, mas ao adquirirem determinados direitos, sobretudo o de escolha, abandonam a posição que ocupavam no colonialismo, principalmente as negras, e passam a ser donas dos próprios corpos. Segundo Franz Fanon, em *Pele negra máscaras brancas* (2008), ao abordar o contexto colonial:

Na verdade, há algo mais ilógico do que uma mulata que se casa com um negro? Pois é preciso compreender, de uma vez por todas, que está se tentando salvar a raça. As pessoas costumam pedir desculpas quando ousam propor um amor negro a uma branca. [...] Historicamente, sabemos que o negro acusado de ter dormido com uma branca era castrado. O negro que possuiu uma branca torna-se tabu para os seus semelhantes. É fácil para o espírito determinar exatamente a natureza desse drama sexual. Por exemplo, nenhum anti-semita pensaria em castrar um judeu. Matam-no ou o esterilizam. O preto é castrado. O pênis, símbolo da virilidade, é aniquilado, isto é, é negado. A diferença entre as duas atitudes é clara. O judeu é atingido na sua personalidade confessional, na sua história, na sua raça, nas relações que mantém com seus ancestrais e seus descendentes. [...] Mas é na corporeidade que se atinge o preto. (FANON, 2008, p. 63, 75, 142).

Desse modo, é como se o negro fosse percebido somente como corpo portador de força bruta, destituído de História e de ancestralidade, assim como a negra era tomada como corpo/objeto de desejo.

A união de um negro com uma branca coloca em evidência um relacionamento que foge aos parâmetros da literatura colonial, marcando a inversão operada por Pepetela em sua obra pós-colonial, mas ainda assim a descrição de Julius como o homem portador de toda uma sexualidade que se difere da presente no homem branco é fortemente marcada. O descendente de *masai* é representado como o homem com pouca instrução, mas forte, com propensão ao trabalho braçal e portador de um forte desejo sexual usufruído pela americana.

Vemos em *O quase fim do mundo* como os atores se posicionam diante da herança colonial e como passam a viver após a retirada do outro. Vemos que as estruturas de dominação são as mesmas, mas postas em prática através das mãos de

diferentes atores, que deixam de estar à margem para se situarem no centro do poder e daí exercerem a dominação sobre os novos “outros” – população que vivia nas florestas.

Os sobreviventes que se concentraram em Calpe, falantes do kisuahili, portadores de determinados conhecimentos seriam os responsáveis por tal dominação. Já os sobreviventes que viviam nas florestas, falantes de outra língua, com outros costumes passariam a servi-los: “é isso mesmo que vai acontecer, sempre foi assim, uns trabalham, outros mandam.” (PEPETELA, 2008, p. 378), mas desta vez os que mandam não vêm de fora e os que trabalham são seus semelhantes.

Desse modo, Pepetela constrói uma distopia em que a entidade que planejara o fim do mundo teve seus planos frustrados, tendo acontecido justamente o contrário do que desejavam. A humanidade iria continuar, mas seria mantida a partir de personagens negros e mulatos, já que os personagens brancos que sobreviveram, Janet e Jan, se relacionavam com negros. Assim, o autor constrói uma sociedade mestiça, o que, segundo ele, só corrobora o que afirmara em entrevista à revista Buala: “porque só há uma raça, a raça humana, e acabou” (PEPETELA, 2008).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. A estilística contemporânea e o romance. In: *Questões de literatura e de estética – a teoria do romance*. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

CARDOSO, Cláudia Fabiana. Um fim do mundo africano – entrevista com Pepetela. *Revista Buala*. 2008. Disponível em: [<http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/um-fim-do-mundo-africano-entrevista-com-pepetela>]. Acesso em: 03 jun. 2014.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. Racismo e cultura. In: SANCHES, Manuela Ribeiro. *Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 2011. p. 273-285.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro, DP&A, 2006. 11 ed.

MATA, Inocência. A crítica africana e a teoria pós-colonial: um modismo ou uma exigência? In: *Revista O Marrare*, Rio de Janeiro, n.8, p. 20-34, jan/jun. 2008.

NOA, Francisco. As figuras, os papéis e as vozes. In: *Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária*. Lisboa: Caminho, 2002. p. 291-353.

_____. As falas das vozes desocultas: a literatura como restituição. In: GALVES, Charlotte; GARMES, Helder; RIBEIRO, Fernando Rosa (Org.). *África-Brasil: caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. p. 85-100.

PEPETELA. *O quase fim do mundo*. Lisboa: Dom Quixote, 2008.